



Performance; Judith Butler e a Performatividade do Gênero

Ana Izabele Carneiro¹
Marina Mesquita²

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido trata-se de uma apresentação discursiva do capítulo introdutório do livro “Bodies That Matter”, de Judith Butler (1993), traduzido em formato de ensaio por Guacira Lopes Louro (2000). As abordagens do texto da autora, trazem temas primordiais na discussão do trabalho, temas como gênero, sexo, corpo e performatividade. A partir dessas premissas abordo as concepções da autora, para desenvolver principalmente a ideia de performatividade. Trazendo para a discussão, o texto de Goffman (2011) que discute e interpreta o conceito de performance, a performance do cotidiano.

Butler tem sido uma autora polêmica, quando se trata dos assuntos de gênero, sexo e sexualidade, e neste contexto, a vinda da escritora ao Brasil causou muitas discussões. As pessoas que se manifestaram de forma contrária, viram na autora uma ameaça contra aquilo que acreditam ser uma “ideologia de gênero”. Como colocado pela jornalista Janaina Garcia em uma matéria do site UOL: “Os grupos contrários à filósofa reclamaram da ‘ideologia de gênero’ apregoada no discurso de Butler, principal expoente da teoria queer (...)” (GARCIA, nov.2017). A autora não é apenas uma estudiosa nestes temas, mas são os mais atrelados a ela, a escritora Salih comenta:

De fato, se tivermos de situar Butler (uma tarefa que iria contra o espírito butleriano, se é que existe tal coisa), suas teorizações sobre identidades “genericada” e sexuada seriam vistas provavelmente como as mais importantes intervenções no variado conjunto dos campos acadêmicos com as quais está ligada. (SALIH, 2017, p.10)

Enquanto Judith Butler trabalha com categorias específicas – gênero, sexo e performatividade –, Goffman faz outro tipo de abordagem em relação ao que é nomeado como “performance do cotidiano”. E só a partir dessa ideia, o texto se desenvolve numa análise das três linhas de discussão, entre gênero, sexo e performatividade, para pensar a autora proposta.

1Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, anahizabelly23@gmail.com;

2 Professora orientadora: Professora Doutora na Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, marinaaaya@gmail.com.





METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia usada no trabalho se deu através de uma pesquisa bibliográfica, tomando como referência textos de Goffman e Butler, para entender a noção de performance, e o que Butler compreende como Performatividade de Gênero. No entanto o desenvolvimento e a análise dos textos se dará pelo pelo método comparativo. Compreendendo os conceitos abordados pela autora, buscarei identificar no texto, como a autora propõe a ideia de performatividade dentro das categorias abordadas “sexo” e “gênero”. Para essa compreensão, proponho autores que já tem desenvolvido dentro desses conceitos – performance e performatividade – teorias e discussões, entendendo a proporção desses discursos.

DESENVOLVIMENTO

O conceito de performance, discutido por vários autores em diferentes contextos, não é um conceito que se esgota por si mesmo, assim como tantos outros, ele é discutido e referenciado em diferentes abordagens, não quer dizer no entanto, que não são complementares. Se formos observar a abordagem de Goffman, ele se utiliza desse conceito para analisar as ações do cotidiano, a chamada performance do cotidiano, buscando compreender a relação entre a cultura, a personalidade e o corpo. Para tanto, o autor se utiliza da metáfora do teatro, no livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (2014), e da metáfora do ritual no livro *Ritual de Interação* (2011). Abordando o conceito de fachada, o autor se refere as ações do cotidiano, a partir de símbolos rituais, utilizados para manter aquilo que se deseja passar, de forma quase sempre inconsciente. No caso de patologias, como sociopatia ou psicopatia, representariam essa fachada de forma mais consciente. Goffman aponta:

Venho usando o termo “representação” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes, alguma influência. (...) Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação. Para fins preliminares será conveniente distinguir e rotular aquelas que parecem ser as partes padronizadas da fachada. (GOFFMAN, 2014, p.29)

Essas partes padronizadas, são referente aos lugares onde acontecem com frequência algum tipo de interação social, seja num auditório, numa sala de aula, numa igreja, ou até



como Goffman (2014) coloca, em um funeral. Enfim, esses lugares de encontros, tem as suas especificidades, mas geralmente seguem um mesmo padrão, ou seja, uma ritualização. Há o momento da chegada, da espera onde todos precisam se “organizar” em um determinado jeito, por exemplo, em uma sala de aula, espera-se que os alunos sentem-se, abram os cadernos e livros até a hora da aula começar, a partir daí a professora ou o professor expõe o conteúdo da aula.

Goffman (2011) retrata vários tipos de interação, uma delas é a interação falada. Nesta acontece de forma diferente, em relação aos lugares mencionados acima, onde geralmente só há um orador e vários espectadores. Na interação falada, todos podem ser oradores e ao mesmo tempo, espectadores, por exemplo, em um jantar de família, ou um encontro com amigos. E para essas ocasiões, ele também aborda a importância de manter a fachada.

Entendendo que performance é um tema bastante amplo, e com diferentes ênfases, busco aqui também compreender a performatividade abordada por Butler, na construção/desconstrução de ideias sobre gênero e sexo. Antes sobretudo, procuro identificar como Butler entende a “performatividade”. Será esse conceito proveniente da ideia de performance, ou é a própria performance?

Primeiro entender que performance não é abordada pelos autores da mesma forma, e a partir daí compreender o que essa autora pensa sobre essa ideia. Sara Salih (2017) na obra, Judith Butler e a Teoria Queer, introduz vários conceitos e obras produzidas pela autora, e em um trecho coloca: “numa entrevista de 1993, ela enfatiza a importância dessa distinção, argumentando que, enquanto a performance supõe um sujeito preexistente, a performatividade contexta a própria noção do sujeito” (SALIH, 2017, p.90).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em grande medida, percebe-se que Goffman em suas atribuições no entendimento da performance, a vida cotidiana é comparada a um teatro. Conquanto é fundamental entender que ao fazer essa comparação, o autor não está afirmando que todas as ações humanas dentro dessas interações, acontecem de forma propositalmente pensadas e deliberadas. Ao contrário, as fachadas estão sempre em riscos, dependendo do desenrolar das interações, ou seja dependem totalmente das reações dos oradores e dos espectadores. O autor ao afirmar sobre esses símbolos rituais que ocorrem nas interações, aborda o quanto esses símbolos são variáveis, dependendo da cultura, das diversas maneiras de sociabilidades dentro das mais diversas sociedades.

Enquanto que a noção de performatividade em Butler, é necessário, sobretudo, compreender aquilo que Austin (2002) coloca como “atos de fala”, ou seja, a linguagem também é uma ação, ao nomear as coisas, a linguagem “age” sobre aquilo que nomeia. Essa ação, não estaria desvinculada daquilo que a autora chama de práticas regulatórias “que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla” (BUTLER, 2000, p.2).

A partir dessa ideia de poder produtivo, um poder que tem controle sobre aquilo que produz, e das práticas discursivas que são controladas e reiteradas, podemos abordar a ideia de performatividade, como um discurso/ação reiterada dentro das leis regulatórias do poder hegemônico. Butler aborda essa ação reiterada, como um discurso/ação materializada, ou seja, a materialização dos corpos. Para tentar analisar a performatividade em Butler, é necessário compreender que a autora tem uma escrita dialética, sempre dialogará com autores e questionará, apontando pontos, e ao mesmo tempo questionando estes. Na leitura de Goffman a performance é colocada de forma mais inteira e pronta, enquanto que na leitura do capítulo de Butler, a performatividade, está sempre abordada de forma mais aberta e inacabada, não essencializada, e isso é uma característica da própria da autora.

É no entanto nessa linha de pensamento, acerca da materialização dos corpos, que Butler (2000) questiona sexo e gênero, dentro do construcionismo, sendo o sexo questionado como pura ficção. Utilizando-se do argumento do gênero como algo construído, a partir dessas materializações das práticas discursivas, o que seria o sexo, dentro do limite em que o gênero é quem constrói o sexo. Se o gênero diz sobre o sexo, ninguém teria acesso “puro” ao que é denominado por sexo. Sendo assim Butler (2000, p.6) conclui: “então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o ‘sexo’ torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em um local pré-linguístico ao qual não existe nenhum acesso direto”.

Direcionado a essa ideia de um gênero, baseado em um construcionismo radical, onde o sexo seria apenas ilusório, a autora propõe um repensar sobre essa forma de abordagem do construcionismo. E portanto, não seria conveniente afirmar que Butler afirma ser o sexo inexistente por ele mesmo, mas inexistente dentro dessa ideia construcionista.

Um pouco mais a frente, no mesmo texto, Butler (2000) refletirá sobre essa questão de um humano integralmente construído dentro dessa matriz reguladora do gênero, na qual perpassam os limites da materialização, e que questiona a existência, daqueles que não

materializam as normas reguladoras. A autora vai um pouco mais além, e mergulha nas categorias do humano e do inumano, nos limites de autorização do que é considerado humano, ou seja, a legitimidade do que pode ser considerado humano. “Na verdade, a construção do gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano não é apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais” (BUTLER, 2000, p.8).

A partir dessas categorias “humano” e “inumano”, dentro dessa abordagem de gênero, Lugones (2014) fala sobre a colonialidade do gênero, a forma em que historicidade marca a construção ocidental do gênero. Aponta um fato sobre as mulheres e os homens negros, que ao serem postos fora da categoria de humanos, estariam também fora do ideário do gênero, estariam submetidos a categorização de macho e fêmea, mas não sobre o espectro do gênero.

Proponho interpretar, através da perspectiva civilizadora, os machos colonizados não humanos como julgados a partir da compreensão normativa do “homem”, o ser humano por excelência. Fêmeas eram julgadas do ponto de vista da compreensão normativa como “mulheres”, a inversão humana de homens. Desse ponto de vista, pessoas colonizadas tornaram-se machos e fêmeas. Machos tornaram-se não-humanos-por-não-homens, e fêmeas colonizadas tornaram-se não-humanas-por-não-mulheres. Consequentemente, fêmeas colonizadas nunca foram compreendidas como em falta por não serem como-homens, tendo sido convertidas em viragos. (LUGONES, 2014, p.937)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As noções de performance e performatividade, como visto, são abordadas de modo diferente, sobre perspectivas diferentes e com objetos de análises distintos, entre Goffman e Butler. No entanto, as categorias do “fazer” humano, ou “fazer” do corpo estão imbricadas. As construções e relações estão em constantes variações daquilo que é “ser (i)humano”. Nas abordagens de Butler sobre o “gênero”, é possível compreender o que a autora traz como gênero performativo e não apenas um dado sobre o sexo, mas uma reiterada prática do discurso. Abordando não o sujeito, mas questionando, dentro dessa lógica que sujeitos valem. Butler e Lugones, abordam o gênero sobre perspectivas diferentes, com diferentes tipos de exclusões, mas isso só confirma o quanto o gênero é ilusório, e historicamente um marco opressor dentro das mais diversas sociedades, e por assim dizer, na sociedade ocidental se apresenta a partir de uma idealização colonial generificada.

Palavras-chave: Performance; Performatividade; Gênero; Sexo



REFERÊNCIAS

- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes. 2014.
- GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes. 2011
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feminista, Florianópolis, 2014.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria QUEER**. Trad. LOURO, Guacira L. 1ª ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- OTTONI, Paulo. **JOHN LANGSHAW AUSTIN E A VISÃO PERFORMATIVA DA LINGUAGEM**. D.E.L.T.A., 18:1, 2002 (117-143)
- GARCIA, Janaina. **Manifestantes protestam contra e a favor de filósofa americana Judith Butler em São Paulo**. Encontrada no site: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/07/manifestantes-protestam-contrafilosofa-americana-judith-butler-em-sao-paulo.htm> Vista em: 20/09/2018

